

# EPISTEMOLOGIA OU FILOSOFIA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO?

Solange Puntel Mostafa\*

## RESUMO

Discute a proposta filosófica de Luciano Floridi para a Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), bem como a reação dos teóricos da área à referida proposta. Saúda a coragem do jovem filósofo italiano oriundo da área computacional, na quebra da hegemonia epistemológica co,mo fundamento para a BCI; mas distancia-se da filosofia da informação em favor de uma filosofia da Ciência da Informação, em que a criação de conceitos, na inspiração Deleuze-guattariana é um imperativo; assim apresenta dois conceitos filosóficos para a área de organização do conhecimento; são eles: *linguagem documentária menor* e *classificação descritiva por afetos*, dando conta de todos os elementos do conceito filosófico: o problema a que o conceito remete; os componentes do conceito; a vizinhança e seus contornos e o mais importante, o devir do conceito filosófico nas práticas científicas ou artísticas.

**Palavras-chave:** Filosofia da informação. Filosofia da Ciência da Informação. Linguagem Documentária Menor. Classificação Descritiva por Afetos.

\* Doutora em Filosofia da Educação, PUC/SP. Professora da Universidade de São Paulo/Curso de Ciência da Informação e Documentação – Campus de Ribeirão Preto, SP. E-mail: smostafa@ffclrp.usp.br

## I INTRODUÇÃO COM LUCIANO FLORIDI

A proposta de Luciano Floridi em substituir a epistemologia social do conhecimento por uma filosofia da informação (2002) causou toda sorte de desconforto entre destacados teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação, a tal ponto que a revista *Library Trends* dá voz a este desconforto, dedicando um dos seus fascículos à discussão do texto provocador publicado na revista *Social Epistemology*, intitulado “*Definindo a Biblioteconomia e Ciência da Informação como filosofia da informação aplicada*”.

Neste texto, Floridi afirma que:

a) A Epistemologia social não pode fornecer bases filosóficas para a Biblioteconomia e Ciência da Informação de forma satisfatória;

- b) A Filosofia da Informação é uma área filosófica que estuda a natureza conceitual da informação, sua dinâmica e suas ciências;
- c) A crise da identidade enfrentada pela Biblioteconomia e Ciência da Informação nas últimas décadas é resultado de uma tentativa equivocada de pensar a filosofia em níveis de resolução empírica, ou, o que dá no mesmo, pensar a BCI em nível de resolução filosófica.

Se é certo que a BCI e a filosofia compartilham escopo enciclopédico, nem por isso a BCI é, como afirma Shera, “a mais filosófica de todas as profissões” (Shera, p. 176 APUD Floridi, Idem p. 3). Floridi parte então para a desconstrução do pensamento de Shera, situando-o no tempo em que as abordagens sociológicas estavam na moda. O próprio Shera distingue entre Sociologia do Conhecimento

e Epistemologia do Conhecimento Social, defendendo a importância de interpretar a Biblioteconomia em termos da Epistemologia do Conhecimento Social mais do que da sociologia do conhecimento.

Tal disciplina é aqui denominada, por desejo de um termo mais precisamente descritivo 'epistemologia social', entendida como o estudo daqueles processos pelas quais a sociedade como um todo procura conseguir uma compreensão perspectiva em relação ao ambiente total – físico, psicológico e intelectual. [...] A epistemologia social meramente deixa a vida intelectual individual e migra para a vida da sociedade, nação ou cultura (SHERA, p. 27 apud FLORIDI, Idem p. 3).

Shera aproxima assim a BCI da Epistemologia social, reforçando a ideia de que a Epistemologia social poderia dar à Biblioteconomia, a fundação intelectual que a área buscava há tanto tempo. Floridi segue argumentando que ambas as versões da Epistemologia, seja aquela clássica, evolução do projeto cartesiano baseado na busca da verdade e da justificação, seja a versão mais revolucionária que reconhece a construção social da verdade, do conhecimento e da justificação, ambas as epistemologias clássica e revolucionária são prescritivas. "Seu objetivo último é estabelecer, não o que acreditamos sobre as estrelas mas no que deveríamos acreditar" (FLORIDI, idem p. 4).

A Biblioteconomia e Ciência da Informação, para Floridi, trabalham num nível mais básico que a Epistemologia, pois o objeto da BCI não é o conhecimento mas as fontes de informação que tornam o conhecimento possível. Citando o glossário da American Library Association (ALA) para o termo Biblioteconomia e citando também a argumentação de Borko, sobre a Ciência da Informação de 1968, a qual define a Ciência da Informação como aquela ciência interdisciplinar que investiga as propriedades e o comportamento da informação, Floridi defende a ideia de que ambas, a Epistemologia Social e a BCI necessitam de uma fundação mais básica e conceitualmente mais vazia ou abstrata que a filosofia do conhecimento.

Floridi desagrada profundamente os neo-documentalistas quando afirma que uma nova área de pesquisa só pode evoluir, em um campo

bem definido, apenas se for capaz de se apropriar de uma interpretação explícita, clara e precisa da clássica pergunta "o que é x?", e se apresentando como "uma filosofia específica de x", no caso, "qual é a natureza da informação?". Esclarece, entretanto que essa pergunta serve apenas para demarcar uma área de pesquisa, não para mapear seus problemas específicos. No entanto, a tarefa da filosofia da informação fica facilitada diante de metodologias e tecnologias de informação e comunicação já desenvolvidas pela Ciência da Informação e da Comunicação.

Pontuando mais uma vez sua reflexão, Floridi afirma que o objeto de pesquisa da Biblioteconomia e Ciência da Informação é a informação no sentido fraco e mais específico de dados registrados, isto é, documentos. Biblioteconomia e Ciência da Informação como Filosofia da Informação Aplicada é uma disciplina preocupada com documentos e seu ciclo de vida, bem como com os procedimentos e técnicas pelos quais o ciclo dos documentos é implementado e regulado. Apesar desses enunciados estarem presentes nas definições clássicas da ciência da informação, elas foram de certa maneira superadas no adensamento historiográfico por que passou o campo, o que Floridi parece desconsiderar.

## 2 A REAÇÃO A LUCIANO FLORIDI

O primeiro artigo na revista *Library Trends*, assinado por Ian Cornelius (2004), professor da Universidade de Dublin na Irlanda, demonstra profunda irritação com essa última afirmação de Floridi. No entendimento de Cornelius, se a preocupação de uma ciência como a Biblioteconomia e a Ciência da Informação fosse apenas com documentos, nós nunca poderíamos fazer atividades de classificar o conhecimento, que é uma atividade altamente intelectual. Entendemos, entretanto, que não é esta a compreensão de Floridi: em nenhum momento o autor retira a cientificidade da Biblioteconomia e Ciência da Informação ou que o cuidado dos documentos dispensaria ciência, método científico, sistematização intelectual, lógica e outros dispositivos sistematizadores. A afirmação floridiana vai no sentido de afirmar que Filosofia se passa em um plano ontológico, diferente do plano da ciência aplicada.

O segundo artigo na mesma publicação é de Bernd Frohmann (2004), que defenderá, contra Floridi, a anterioridade das práticas documentárias em relação às práticas de informação, e, por isso, na visão do autor, deveríamos falar em uma filosofia da documentação e não da informação. Frohmann critica a pergunta básica do Floridi sobre “qual é a natureza da informação” como uma pergunta metafísica a ser descartada, defendendo em sua inspiração foucaultiana, a materialidade da informação (portanto o documento e sua construção nas instituições), o que significa cuidadosa construção na presença de outros documentos e testemunhas.

Discorrendo sobre a singularidade do experimento científico do século 17, frente à pedagogia escolástica clássica aristotélica, Frohmann problematiza a tecnologia literária dos relatos científicos, demonstrando todas as etapas de tornar esses relatos críveis e confiáveis pela também nova comunidade científica nascente. (o químico Robert Boyle e outros pesquisadores da Royal Society of London são os exemplos do autor). Frohmann quer demonstrar que documentar experiências não é apenas uma questão de tornar o documento informativo nele mesmo; a validação ou a valoração do que é informativo extrapola o documento, em redes de saber-poder. Defende para tanto uma abordagem fenomenológica da informação e outra pragmática nos jogos de linguagem de Wittgenstein.

Ora, Floridi tampouco está negando o plano da ciência-artefato, com suas contingências históricas. O que ele está propondo é uma filosofia da informação num nível de abstração mais alto que as realizações histórico culturais. Seja a ciência dos arquivos, seja a ciência das bibliotecas, seja a ciência dos museus, a museologia, ou sejam os estudos culturais da ciência. São todas práticas sociais com razoável nível de sistematização. Portanto, práticas históricas e culturais e não filosóficas. Ressalte-se que o texto de Frohmann, traduzido para o português, (2008) é ainda mais esclarecedor quanto às categorias foucaultianas privilegiadas em seus estudos, como materialidade, documentos, enunciados de Foucault e instituições. Na inspiração foucaultiana, os enunciados do documento não são analisados pelo que significam ou pela informação que contem, mas pela sua existência.

O terceiro texto da revista *Library Trends* é assinado um autor que também é responsável pelo

texto de revisão do Annual Review of Information Science and Technology (ARIST) em 2005, sobre o pós-estruturalismo na Biblioteconomia e Ciência da Informação; Ronald Day é um autor simpático a Deleuze, Foucault e aos novos sociólogos deleuzianos, bem como é alinhado com Frohmann e outros neo-documentalistas. Day desconstrói o conceito de informação por considerá-lo determinista e conveniente à construção de um sentido único na história, aquele que equaciona a ciência com a tecnologia e o bem estar humano, dentro das relações capitalistas da produção social. Posiciona-se portanto, contra a informação e contra a metafísica dominante no mundo moderno. Faz uma extensa análise sobre a democracia representativa ao propor outro conceito de democracia, onde a noção de comum ou de multidão substitui a noção de conflito social ou classe social. Defende uma ontologia heideggeriana baseada no que temos de comum: afetos, linguagem e o sentido da finitude nos vivos. Discute a constitucionalidade e o poder constituinte, numa quase teoria do Estado, para acatar o conceito de multidão e de encontro de corpos. Conclui por isso que uma metafísica da informação seria tautológica, já que somos presença no mundo; é um dos poucos autores que explicitamente citam Espinosa na questão dos corpos definidos como velocidade e lentidão ou capacidade de afetar e ser afetado. Em outra oportunidade, Day abandona a temporalidade tal como é pensada em Heidegger e assume o tempo intensivo no devir deleuziano (2010).

Frohmann, aliás, também explora esse entendimento, em outra oportunidade (2004) ao discutir os efeitos das tecnologias na sociedade local e global. Frohmann reformula a questão fora da relação de causa e efeito, assumindo uma lógica espinosista de encontros de corpos, destarte também inteiramente assumida por Deleuze e Guattari. Exemplos como esses são preciosos na utilização da filosofia da diferença na Biblioteconomia e Ciência da Informação, os quais necessitam ser mais explorados. Em que pese as afinidades com nosso próprio entendimento, ambos Frohmann e Day recusam a filosofia da informação proposta por Floridi, por entenderem que a questão não é teórica ou filosófica, mas histórico-cultural, em suas abordagens próprias, o materialismo histórico de Benjamin, no caso de Day e a arqueologia do saber de Foucault no caso de Frohmann. Para nós, entretanto, o

tema da filosofia merecia maior atenção destes e de demais autores da Ciência da informação. Outros artigos seguem-se no fascículo da revista *Library Trends*, denominado *Filosofia da Informação* ora defendendo a teoria do significado, ora defendendo a teoria da classificação e as classificações facetadas, ora destacando o conceito de relevância. Todos, excelentes textos em suas respectivas especialidades, mas nenhum deles com disposição para o debate filosófico e menos ainda, para a proposta de Luciano Floridi, em seus próprios termos.

### 3 DIFERENÇAS ENTRE O CONSTRUTIVISMO DE FLORIDI E DELEUZE/GUATTARI

Ao revitalizarmos esta polêmica, queremos aproximá-la de nossas posições atuais. Pois Gilles Deleuze também perguntou “*O que é filosofia?*” e nem por isso foi metafísico; pelo contrário, toda a sua filosofia apresenta-se como um vigoroso combate à metafísica e sua principal figura, a representação. Talvez aqui resida a maior distancia entre Floridi e Deleuze, em suas diferenças incontornáveis. De um lado, o autor italiano assume uma filosofia metafísica tradicional, essa que procura os fundamentos do mundo na essência ideal do Ser. Enquanto teórico oriundo da área computacional Floridi tem seguido premissas da tradição da metafísica ocidental, na clássica pergunta “qual a natureza de x”? Aproximações e distâncias da filosofia da diferença com as áreas da inteligência artificial, ciência cognitiva ou interação humano-computador são apontadas por Day (2010). Por outro lado, Floridi consegue maior aproximação com o expressionismo espinosista no delineamento de sua Ética informacional (HONGLADAROM, 2008).

É importante ressaltar, entretanto, que nem Deleuze e nem Floridi foram suficientemente explorados pela Ciência da Informação.

A Filosofia deleuziana, no seu conjunto, não foi totalmente explorada na Ciência da Informação. O mais comum é encontrarmos o conceito de rizoma, em uma variada gama de objetos:

- para mapear contextos informacionais como pré-requisito de modelagem sistêmica (Idem);

- para demonstrar a originalidade de Ranganathan (ALMEIDA CAMPOS e GOMES, 2003);
- para relacionar o rizoma às relações associativas do tesouro (BATISTA, 2004)
- para reposicionar a maneira como Paul Otlet entende o livro e a escrita no espaço social (DAY, 1997)
- para demonstrar as limitações da classificação decimal de Dewey no tema das religiões afrodescendentes (MIRANDA, 2007)
- para demonstrar interações entre ambientes de aprendizagem (MOSTAFA, 2006)
- para todo o conjunto das análises de ciberespaço
- memória (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2006; DODEBEI; GOUVEIA, 2008)
- aspectos filosóficos do virtual (MONTEIRO, 2004)
- mecanismos de busca (MONTEIRO, 2006)
- para todo o conjunto das análises de ciência
- o dinamismo das práticas de pesquisa como zonas ambíguas (SUKOVIC, , 2008)
- redes cognitivas na própria Ciência da informação (PINHEIRO; SILVA, 2008)
- a ciência da informação como campo múltiplo de atuação (AQUINO, 2007)
- para pensar a trajetória de uma associação de pesquisa em ciência da Informação (BARRETO, 2009)
- para pensar a interdisciplinaridade na ciência da informação (PAIM et al, 2001)

A variada gama de temas e situações demonstra a riqueza conceitual implícita na filosofia de Deleuze; porém é necessário avançar mais. Pois na ontologia deleuziana, existe uma biblioteconomia e uma ciência da informação virtuais que são reais, mas que ainda não foram atualizadas. Concordamos com Floridi no caráter normativo da Epistemologia, que, por sua função científica e de vigilância metodológica, tem servido, desde sempre, para analisar os alcances e acertos de funções científicas. Mostra e revela caminhos percorridos, demarcando movimentos do pensamento nas diversas áreas do conhecimento. A filosofia, por sua vez, como tratada por Deleuze e Guattari (1997), não mostra

caminhos percorridos, não faz reflexão e nem história. A filosofia cria novos mundos possíveis, foge da teleologia previsível e supõe sempre a criação do novo. Aquilo que ainda não foi pensado e que é o impensável para o pensamento e, que, no entanto, deve ser pensado. Faremos filosofia na concepção deleuze-guattariana, quando encaramos a informação como conceito filosófico, quando a informação puder ser pensada em seu Ser-Ontológico, ultrapassando o tempo cronológico e antecipando, quiçá, novas relações ainda não pensadas entre o documento e o mundo por vir.

Na filosofia da informação de Floridi há menção também a um construtivismo, embora aquela abertura para o inteiramente novo, como colocado por Deleuze e Guattari, irá se traduzir em projeções e metodologias computacionais, como a dirigida a objetos. Floridi entende que não descobrimos nem inventamos o mundo, mas o projetamos. Conforme modelos ou modelação de dados. Para tanto experimentamos graus de coerência e níveis de abstração. Tal modelação só seria possível na visão de Floridi se adotarmos um horizonte metafísico. Ao referir-se ao construtivismo da sua Filosofia da Informação, Floridi pede que consultemos Deleuze e Guattari no livro *O que é filosofia* para entendermos de que se trata. Mas não encontramos proximidade entre os dois filósofos para além da generalidade de uma construção.

A construção deleuziana, aliás, é um combate aos modelos, em uma imagem do pensamento sem imagem, modelo ou representação. Criar conceitos, como sugerido por Deleuze e Guattari, não é o mesmo que projetar o mundo no plano referencial da metodologia da modelagem computacional. Na modelagem computacional há previsibilidades e teleologias a serem conferidas. Já na filosofia deleuze-guattariana, o conceito filosófico como acontecimento é constituído por uma temporalidade radical, dele emergindo singulares imprevisíveis e impossíveis de modelações prévias. Day (2010) distingue potencialidade e possibilidade para marcar as diferenças entre o conceito de *mapa* em Deleuze e Guattari baseado na exploração do território, como experiência, e o *mapeamento* das metodologias computacionais, as quais tendem a funcionalizar as atividades humanas dentro de padrões sistêmicos, projetados e previsíveis.

Explica-se assim, a rejeição de importantes teóricos da BCI pela teorização floridiana. Mas é preciso pontuar mais os autores, para que não sejam recusados no todo. De nossa parte, consideramos bem interessante a desconstrução, até agora, única, realizada por Floridi à epistemologia social de Jesse Shera, retirando desta, uma hegemonia de décadas. A Epistemologia tem seu papel, e de maneira mais livre, poderíamos dizer que ela revela como chegamos até aqui, neste momento (tempo atual) e nesta localização geográfica (território). O que faremos com o que somos, para onde migraremos, em que velocidade, estas são questões, que, como veremos adiante, somente cabe à filosofia responder. Floridi afirma que a CI necessita de uma Filosofia, pois pretende tratar a informação como um conceito filosófico, com o mesmo status ontológico ou metafísico de outros objetos da filosofia clássica como o Ser, o Tempo, o Nada. Ainda, enfatiza, novamente inovando, que a Epistemologia não dá conta de oferecer referencial teórico para a CI porque é, justamente, uma ciência e, como tal, prescritiva, restritiva, não filosófica.

Adotaremos uma outra maneira de filosofar, diferente da floridiana, mas não retiraremos dele o mérito de ter colocado a questão ontológica, muitas vezes ausente em importantes autores da ciência da informação. Se Floridi advoga uma filosofia da informação, capaz de abarcar várias ciências aplicadas, nossa pretensão, bem mais modesta, é dirigir-nos apenas à ciência da informação, de maneira filosófica, por isso, filosofia da ciência da informação.

#### 4 A FILOSOFIA DA DIFERENÇA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Filosofar para Deleuze e Guattari é criar conceitos. Ora, criar conceitos é adentrar um plano propriamente de criação, invenção e de experimentação. Os conceitos filosóficos não são representativos e por isso não precisam representar o mundo com exatidão. Como dizem Deleuze e Guattari (1997, p. 187) no livro *O que é filosofia?*

É verdade que o conceito é confuso, vago, mas não porque não tem contornos: é porque ele é vagabundo, não discursivo, em deslocamento

sobre um plano de imanência [...] o conceito é o acontecimento como puro sentido que percorre imediatamente os componentes.

Assim, em outra oportunidade, sugerimos dois conceitos filosóficos para a ciência da informação: *Linguagem Documentária Menor* (MOSTAFA; NOVA CRUZ; e *Classificação descritiva por afetos - CDA* (MOSTAFA; NOVA CRUZ, no prelo).

Resumimos as questões envolvidas com o conceito filosófico em nosso livro *companion*. Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (MOSTAFA; NOVA CRUZ, 2009 p. 39) da seguinte forma:

1. Todo conceito remete a um problema que está de alguma maneira mal visto, mal colocado.
2. Todo conceito tem componentes, se define por eles. É um todo porque totaliza seus componentes e é fragmentário porque composto por eles. É uma questão de articulação, corte e superposição.
3. Os componentes estão aproximados por vizinhança, similaridade, contornos que os tornam absolutos no conceito.
4. Todo conceito tem uma história! Embora a história se desdobre em ziguezague, cruze outros problemas ou outros planos.
5. Todo conceito tem um devir! Sua relação com outros conceitos situados no mesmo plano, em uma concriação de conceitos em um mesmo plano.

Em um plano determinável se passa de um conceito a outro por pontes... Cada conceito remete a outros, em suas histórias e devires.

#### 4.1 Linguagem documentária menor (LDM)

Todo conceito filosófico resolve um problema.

1. Qual o problema que o conceito filosófico *Linguagem Documentária Menor* vem resolver? A linguagem enquanto palavra de ordem; a ordem é imanente à linguagem e anterior a ela; a ordem é imanente aos atos de fala e está relacionada não só aos comandos explicitamente imperativos mas a todos os atos ligados aos enunciados por

obrigações sociais. A LDM resolve o problema porque instaura uma língua menor dentro da língua maior. São dois tratamentos possíveis dentro de uma mesma língua.

2. Quais são os componentes do conceito filosófico LDM? Se todos os conceitos tem componentes e se define por eles, quais são os componentes do conceito *Linguagem Documentária Menor*? São eles: menor, tempo intensivo, intuição, variação contínua, senhas de passagem, rizoma e fuga. Detalhemos alguns desses componentes: **Menor**: aquilo que se contrapõe ao referencial, ao maior, ao padrão. O que permite a emoção criadora e o surgimento do novo, do impensável do pensamento. É constatação que o novo é sempre menor. **Tempo intensivo**: não linear, não cronológico, não teleológico, a-histórico. **Senhas de passagem**: conscientes do perigo da palavra de ordem, uma busca constante por senhas que permitam abrir passagens para a bifurcação, para o surgimento do não pensado. **Fuga**: os contínuos movimentos necessários à linguagem para que o novo possa emergir.

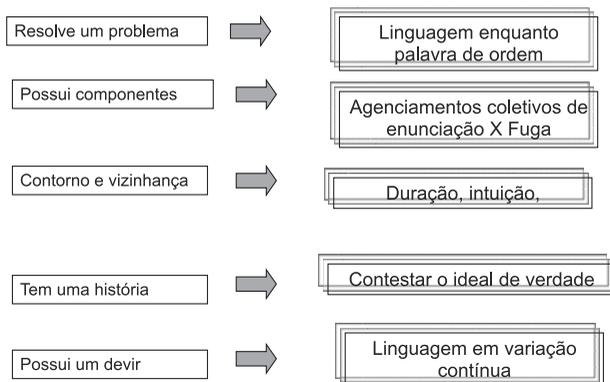
3. Quais os contornos e a vizinhança do conceito LDM? **Intuição**: Uma forma de pensar o mundo através do espiritual, do imaterial, do não quantificável, possibilitando um pensar sensitivo, heterogêneo e múltiplo; a intuição é o processo de se instalar no tempo-duração. **Duração**: o tempo como mobilidade, não espacializado, capaz de seguir as ondulações do real. A duração aponta para a coexistência entre passado, presente e futuro.

4. E os componentes do conceito filosófico LDM? São os agenciamentos coletivos de enunciação e a fuga. A palavra de ordem ao mesmo tempo que ordena, possibilita a fuga: a inspiração deleuziana aqui é de Elias Canetti: o rugido do leão na savana indica à presa, ordem e fuga; as perguntas, promessas e demais jogos de linguagem portam obrigações sociais e agem como mandos ou atos que se efetivam na própria emissão dos enunciados. Porém o caráter pragmático do dizer não se esgota na palavra de ordem e nesses comandos ordenadores do *sócius*. Além desses fatores extra-linguísticos, há as transformações incorporais do estoicismo, expressando a singularidade de um corpo ou de um acontecimento. Elas expressam modos de ser ainda não realizados. Daí o caráter virtual dos conceitos filosóficos e de toda linguagem.

5. Todo o conceito tem um devir. O Devir trata da relação do conceito proposto

com os outros conceitos situados no mesmo plano. Trata também da concriação de novos conceitos neste plano e de suas ressonâncias nas outras formas de pensar o mundo – na ciência e na arte. O devir é a maior preocupação desta proposta filosófica. A ressonância que pensamos deste conceito na ciência da informação trata de vislumbrar uma criação fundamentada na intuição que traz consigo uma emoção criadora. Uma linguagem documentária conceitualmente menor, minoritária e nova que posa trazer à ciência da informação um devir inovador. Um devir sempre imprevisível, indeterminado, intensivo, construído na divergência possível de uma variação contínua imanente à vida. Podemos pensar nos tesouros como linguagens documentárias menores ou nos movimentos da folksonomia mas, também, em atualizações ainda não pensadas pela Ciência da Informação.

#### Linguagem Documentária Menor



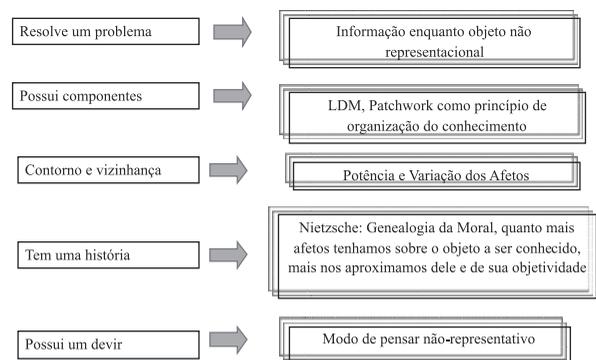
## 4.2 Classificação descritiva dos afetos

Da mesma maneira, uma classificação por afetos pode renovar práticas e procedimentos classificatórios. Entende-se que a compreensão da informação como coisa e portanto, material e objeto de registro formal, como teorizado por Buckland (1991) precisa ser complementada com a noção de afeto (diferentemente da noção de evento proposta pelo autor, essa mais ligada a fatos científicos). E assim pensarmos em uma classificação descritiva por afetos.

Novamente, Afeto é um conceito filosófico. Afetos remetem diretamente a Espinosa (2009) que, em sua principal obra, desenvolve uma

terceira parte chamada *A origem e a natureza dos afetos*. Para o filósofo, a idéia é um conceito que a mente forma a partir daquilo que o corpo percebe (Spinoza, 2009, p.51-52). A idéia, portanto, trata da “realidade objetiva” das coisas; a idéia é o modo de pensamento representativo. Já o afeto, é o modo de pensar não-representativo. Maiores desenvolvimentos sobre o afeto e a idéia como descritos por Espinosa e assumidos por Gilles Deleuze encontram-se no curso proferido por Deleuze em 24 de janeiro de 1978, recém publicados no Brasil (DELEUZE, 2009).

#### Classificação Descritiva por Afetos (CDA)



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises neo-documentalistas contando uma outra história dos caminhos da informação no mundo são importantes. Uma nova historiografia, um novo jeito de contar o que se passou, sempre buscando as condições de produção das verdades que nos parecem naturais. Seja com a ajuda de teorias pós-estruturalistas, seja com a ajuda da Teoria Crítica.

Entretanto, o importante para nós é pensar a neo-documentação sem descartar a filosofia. Não só a escavação ou releitura nos textos antigos para desmontar a utopia da ciência-salvadora da humanidade, a qual inventa uma sociedade e uma maneira para nós nos comportarmos nela, denúncia, de resto, de suma importância. Como importantes são todas as análises que tenham o discurso ou o documento como focos de análise.

Mas olhar para isso não significa que tenhamos que abdicar da filosofia e das perguntas mais fundamentais sobre o Ser, as chamadas

questões ontológicas. O Ser das coisas. O ser da informação. Pois na ontologia deleuziana, existe uma Biblioteconomia e uma Ciência da Informação virtuais que ainda precisam ser atualizadas. E é tarefa da filosofia acessar esse campo transcendental do virtual para produzir as novidades, as diferenças. Os conceitos filosóficos são esses acontecimentos intempestivos, são multiplicidades intensivas – tempo como senhor dos destinos, tambor de todos os hinos. Diferença e repetição é nome de um livro de filosofia e também designa a vida em seu processo de repetição e diferença. A Biblioteconomia e a

Ciência da Informação repetem e divergem. Tudo volta como queria Nietzsche mas volta diferente. Cada diferença é repetida em outro nível de outro modo, cada diferença envolve a distancia entre todas as diferenciações. Repetir é retomar a distancia, abrindo uma nova perspectiva. Rompe-se assim com a identidade das coisas, das pessoas, dos processos, das profissões. O que fundamenta a Biblioteconomia e a Ciência da Informação é o tornar-se, são as conexões e movimentos que elas são capazes de fazer. É seu eterno devir. Eterno retornar. A repetição da diferença é o próprio Ser. Um Ser imanente e em permanente devir.

### **EPISTEMOLOGY OR PHILOSOPHY OF INFORMATION SCIENCE?**

#### **Abstract**

*It discusses the philosophical proposal by Luciano Floridi for Library and Information Science (BCI) and the response of information theorists to the proposal. The article points out the courage of the young Italian philosopher – from the computational field – who breaks the hegemony of epistemology as foundation for BCI. However, it takes distance from the philosophy of information in favor of a philosophy of Information Science, in which the creation of concepts, in Deleuze and Guattari's inspiration, is mandatory. In this sense, the article presents two philosophical concepts for the area of knowledge organization, such as: minor documentary language and descriptive classification by affects. These same concepts consider all elements of the philosophical concept: the problem the concept refers to; the components of the concept, the neighborhood and its boundaries and, most importantly, the becoming of the philosophical concept on scientific or artistic practices.*

#### **Keywords:**

*Philosophy of information. Philosophy of Information Science; Minor documentary language. Descriptive classification by affects.*

---

Artigo recebido em 29/10/2010 e aceito para publicação em 17/12/2010

---

### **REFERÊNCIAS**

- AQUINO, M. A. A ciência da informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo. **Ci. Inf.**, v.36, n.3, 2007.
- ALMEIDA CAMPOS, M.L; GOMES, H. E. Organização de domínios de conhecimento e os princípios rangenathianos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.8, n.2, p. 150-163, jul/dez, 2003.
- BARRETO, A.. A Olhar sobre os 20 antos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em ciência da informação (ANCIB). Brasília: **Tendências da pesquisa brasileira em Ciência da Informação**. v.2, n. 1, p. 3-28, jan./dez.2009.
- BATISTA, G. H. R. Rede de conceitos. Belo Horizonte: **Perspectivas em Ciência da Informação**. 9(1): 6-17, 2004
- BUCKLAND, M. Information as a thing. **Journal of the American Society of Information Science** 42(5):351-360, 1991.
- BURNETT, K.; MCKINLEY. Modelling information seeking. Tallahassee: **Interacting with computers** 10: 285-302,1998

- CORNELIUS, I. Information and Its Philosophy. Illinois, **Library Trends**, 52(3) 377-386, 2004
- DAY, R. Community as Event. Illinois, **Library Trends**, 52(3):408-426, 2004
- DAY, R. Deleuze e Guattari e a Psicologia Cognitiva, IA e IHC: investigando possíveis conexões e diferenças. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação. Ribeirão Preto: USP/CID**, v.1, n.2:3-18 ago./dez. 2010
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 1997
- DELEUZE, G. **Cursos de Gilles Deleuze Sobre Spinoza**. Vincennes, 1978-1981. Fortaleza: EdUECE, 2009.
- DODEBEI, V; GOUVEIA, I. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. **Datagramazero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 5, out. 2008. Disponível em: [http://www.datagramazero.org.br/out08/Art\\_02.htm](http://www.datagramazero.org.br/out08/Art_02.htm). Acesso em 15/10/2010
- FLORIDI, L. On defining library and information science as applied philosophy of information. **Social epistemology**, 2002, 16(1): 37-49
- FROHMANN, B. O carácter social, material e público da informação. In: FUGITA, M.;
- MARTELETO, R. M.; LARA, M.L. (Orgs). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo, Cultura acadêmica editora, 2008.
- HONGLADAROM, S. Floridi and Spinoza on global information ethics **Ethics and Information Technology** (2008) 10:175-187
- MIRANDA, M. L. C. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em Religião na CDD. VIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação 28 a 31 de outubro de 2007 · Salvador · Bahia · Brasil
- MONTEIRO, S.; CARELLI, A.; PICKLER, M. E. Representação e memória no ciberespaço. **Ci. Inf.**, v. 35, n. 3, p. 115-123, set./dez. 2006.
- MONTEIRO, S. Aspectos filosóficos do virtual e as obras simbólicas no ciberespaço. Brasília: **Ci. Inf.**, v.33, n.1, p.108-116, 2004.
- MONTEIRO, S. O ciberespaço e os mecanismos de busca: novas máquinas semióticas. Brasília: **Ci. Inf.**, v.35, n.1, p.31-38, 2006.
- MOSTAFA, S. P. Interação dos atores no ambiente aprendiz: o caso da saúde. Brasília: **Ci. Inf.**, v. 35, n. 3, p. 133-140, 2006.
- MOSTAFA, S. P.; NOVA CRUZ, D. V. Patchwork como princípio de produção e organização do conhecimento. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**. No prelo, [2011?]
- MOSTAFA, S.P., NOVA CRUZ, D.V. Por uma linguagem documentária menor. In: BOCCATO, V.R.G, GRACIOSO, L.S.(Orgs.) **Estudos de Linguagem em Ciências da Informação**. Campinas, Alínea. No prelo, [2011?].
- PAIM, I. et all. Interdisciplinaridade na ciência da informação: início de um diálogo. Belo Horizonte: **Perspectivas em Ciência da Informação**, vol. 6, n. 1, p. 19-26, jan/jun. 2001.
- PINHEIRO, L. V.; SILVA, E. L. As redes cognitivas na ciência da informação brasileira: um estudo nos artigos científicos publicados nos periódicos da área. Brasília: **Ci. Inf.**, v.37, n.3, 2008.
- SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

